

VOZES EM FORMAÇÃO: DIÁLOGOS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NAS REDES SOCIAIS

Everton Bedin¹; Artur de Medeiros Querioz²; Roberto Junior Bedin³
Universidade de Passo Fundo^{1,3}, Universidade Federal do Rio Grande do Norte²
bedin.everton@gmail.com¹

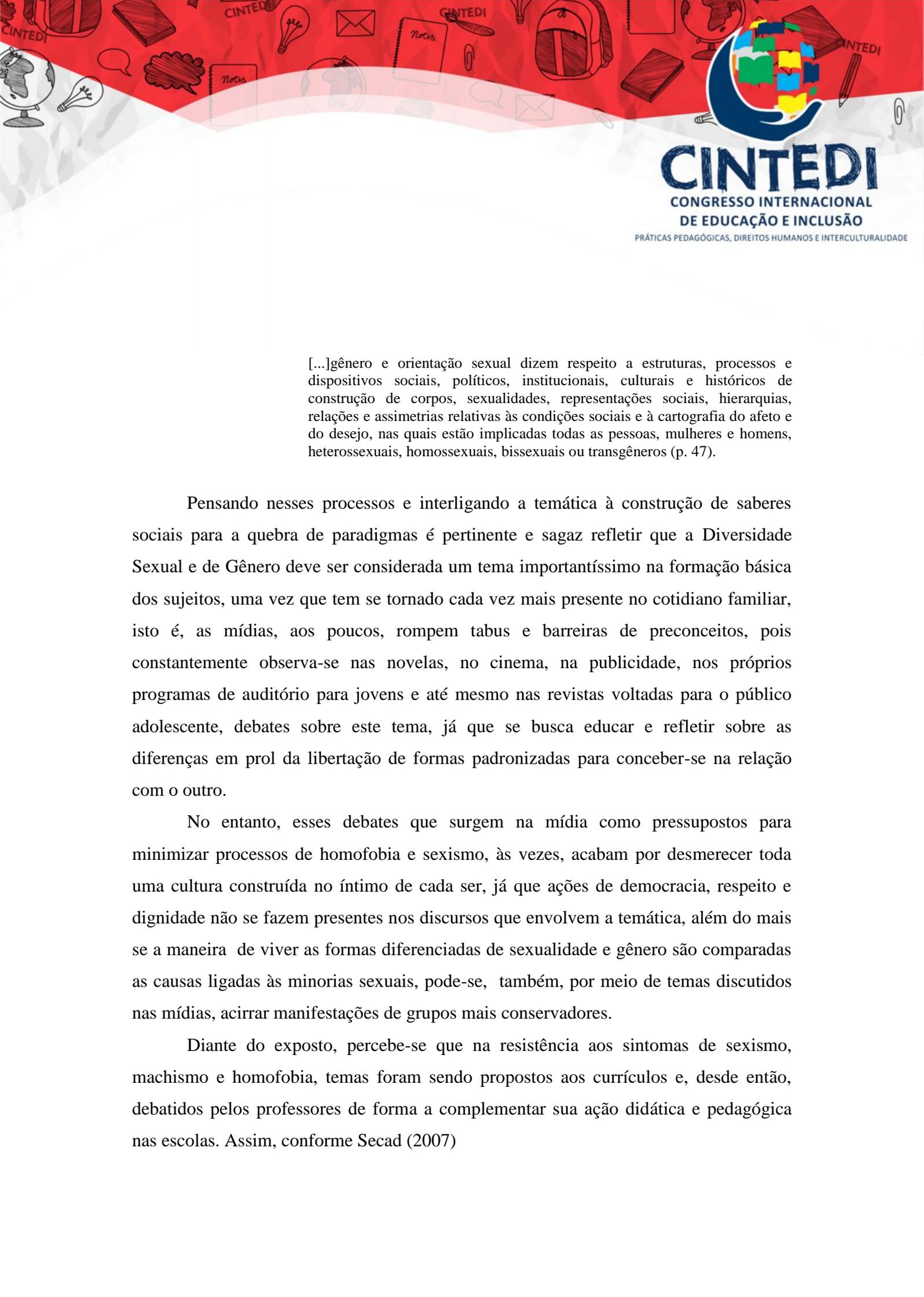
Resumo: Este ensaio traz à tona resultados de uma investigação crítica-reflexiva, realizada no viés das redes sociais sobre as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, como suporte exacerbado à formação docente, às políticas públicas, o currículo flexibilizado e a íntegra participação da comunidade escolar. Fez-se referente a uma pesquisa exploratória de cunho quali-quantitativo via uso de questionário estruturado virtual. Verificou-se, por meio do questionário, que as pessoas competem à *Formação Docente* como o principal meio de tornar temas deste viés realidade nas salas de aula. Não obstante, os mesmos asseguram que uma formação multicultural nos diferentes sentidos poderá contemplar seu crescimento pessoal, intelectual e social. **Palavras-chave:** Diversidade Sexual e de Gênero, Redes Sociais, Saberes, Escola.

Abstract: This essay brings results of an investigation critical-reflective, held in the bias on social networks on issues of gender and sexuality in the school environment, as an exacerbated support for teacher training, public policies, the more flexible curriculum and the full participation of the school community. Became, refers to a qualitative and quantitative nature of exploratory research via use of virtual structured questionnaire. It has been found, through the questionnaire, that people compete for Teacher Training as the primary means of making themes of this bias reality in classrooms. Thus, the same ensure that a multicultural education in different directions may include personal growth, intellectual and social. **Keywords:** Sexual Diversity and Gender, Social Networks, Knowledge, School.

Introdução e Aportes Teóricos

O avanço tecnológico das últimas décadas tem marcado a sociedade e isso tem se refletido nas salas de aula, especificamente nas séries iniciais do ensino fundamental, onde os estudantes, indiferente da idade, do gênero ou da etnia, buscam auxílios momentâneos nos celulares, computadores portáteis, reprodutores de áudio e dentre outros aparelhos como mecanismos de construção de saber e troca de experiências.

Neste meio, torna-se necessário que o professor usufrua destes recursos para questionar e instigar seus estudantes frente a Diversidade Sexual e de Gênero pouco, ou quase nunca, debatida em sala de aula, uma vez que o livre acesso à Internet deixa o educando frente a inúmeras questões e a temática em si, conforme Secad (2007), apresenta conceitos distintos,



[...]gênero e orientação sexual dizem respeito a estruturas, processos e dispositivos sociais, políticos, institucionais, culturais e históricos de construção de corpos, sexualidades, representações sociais, hierarquias, relações e assimetrias relativas às condições sociais e à cartografia do afeto e do desejo, nas quais estão implicadas todas as pessoas, mulheres e homens, heterossexuais, homossexuais, bissexuais ou transgêneros (p. 47).

Pensando nesses processos e interligando a temática à construção de saberes sociais para a quebra de paradigmas é pertinente e sagaz refletir que a Diversidade Sexual e de Gênero deve ser considerada um tema importantíssimo na formação básica dos sujeitos, uma vez que tem se tornado cada vez mais presente no cotidiano familiar, isto é, as mídias, aos poucos, rompem tabus e barreiras de preconceitos, pois constantemente observa-se nas novelas, no cinema, na publicidade, nos próprios programas de auditório para jovens e até mesmo nas revistas voltadas para o público adolescente, debates sobre este tema, já que se busca educar e refletir sobre as diferenças em prol da libertação de formas padronizadas para conceber-se na relação com o outro.

No entanto, esses debates que surgem na mídia como pressupostos para minimizar processos de homofobia e sexismo, às vezes, acabam por desmerecer toda uma cultura construída no íntimo de cada ser, já que ações de democracia, respeito e dignidade não se fazem presentes nos discursos que envolvem a temática, além do mais se a maneira de viver as formas diferenciadas de sexualidade e gênero são comparadas as causas ligadas às minorias sexuais, pode-se, também, por meio de temas discutidos nas mídias, acirrar manifestações de grupos mais conservadores.

Diante do exposto, percebe-se que na resistência aos sintomas de sexismo, machismo e homofobia, temas foram sendo propostos aos currículos e, desde então, debatidos pelos professores de forma a complementar sua ação didática e pedagógica nas escolas. Assim, conforme Secad (2007)



A escola desempenha papel fundamental na construção, introjeção, reforço e transformação das noções de masculinidade, feminilidade, heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade e transgeneridade e, por conseguinte, na formação identitária das pessoas em todas as arenas da vida social (p. 48).

Entretanto, o que se percebe nos dias atuais são maneiras e formas que os profissionais da educação encontram para não abordar a temática em questão seja pela falta de competência, conhecimento ou preparação dos professores. Essa falta de capacidade docente deixa o estudante a mercê de uma realidade que não é cabível ao mesmo, isto é, sua identidade mutável passa a ser estável e passível à mudanças.

Em consonância com o descrito, minorias sexuais e de gênero também são temas ausentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs –, pois os mesmos apenas traçam um perfil de sexualidade como um problema de saúde pública. Neste meio, a escola, por seu um local de implementação de políticas públicas, deve promover a saúde das crianças e dos adolescentes, tornando-se, assim, um tema transversal. Todavia, nos objetivos da proposta dos PCNs (1997), menciona-se apenas o respeito à “diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano” (p. 133); ou, ainda, “reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a elas associadas” (idem, *ibid.*).

Assim, trabalhos que se constituíram a debater questões de Diversidade Sexual e de Gênero, indiferentemente do local, emergiram a partir de pesquisas realizadas por Louro (1997), a qual visava à exclusão das minorias de gênero na história da educação. Nesta menção, é cabível ressaltar que temas que abordam homofobia, sexismo e gênero estão ausentes em quase todos os aspectos voltados à Educação. As Conferências Ibero-Americanas sobre a Educação, não abordam, nem como pano de fundo, a temática. As políticas de inclusão abordam questões de feminismo, mas não constituem parágrafos ou incisos frente à temática supracitada. Em consonância, estão as políticas de Direitos



Humanos no Brasil, as quais reforçam o direito e o respeito às diferentes etnias, as questões raciais, aos direitos da mulher e de presidiários/as, mas que, infelizmente, se ocultam quando o assunto em pauta traz à tona questões de sexualidade, gênero e homofobia.

Desta forma, este artigo visa discutir e refletir na teia das redes sociais as razões necessárias e pertinentes para que temas sobre Diversidade Sexual e de Gênero possam ser uma realidade na Educação Básica, a fim de constituir no contexto educacional um processo de ensino-aprendizagem em que o educando possa interagir, entender e refletir criticamente sobre as questões “científicas” que constituem o cerne da diversidade local.

Como pano de fundo, almeja-se, com o desenvolvimento teórico e epistemológico deste artigo, demonstrar a importância da formação docente, do auxílio das políticas públicas, do surgimento de um currículo flexibilizado|adaptado e da íntegra participação da comunidade escolar para o rompimento de estereótipos que surgem no berço das escolas e que, de certa forma, são vínculos negativos para toda a vida.

Desenho da Pesquisa

Ao buscar alcançar o objetivo supracitado, aplicou-se, no ano de 2014, via uso das redes sociais, possibilitando a interação dos sujeitos sem total identificação, um questionário desenvolvido no Google Docs¹, com o intuito de cogitar a participação de diferentes pessoas para refletirem e questionarem sobre a temática.

O meio virtual foi escolhido, pois, segundo Medeiros *et al.* (2000)

os questionários virtuais servem para armazenar os dados correspondentes às respostas das questões. [...]é possível estruturar as questões com facilidade e montar interfaces agradáveis aos respondentes. Os mesmos são enviados como um documento através do correio eletrônico ou das redes (s/p).

¹ O Google Docs, é um pacote de aplicativos do Google baseado em AJAX. Funciona totalmente on-line diretamente no browser.



O questionário disponibilizado continha sete questões obrigatórias, sendo três dissertativas e quatro objetivas. Todas as questões visavam coletar informações desde características pessoais e profissionais até dados sobre a formação (conhecimento) das pessoas pesquisadas sobre a temática, de modo a subsidiar as discussões apresentadas abaixo sobre as representações de cada participante desta pesquisa.

Neste meio, é importante ressaltar que os resultados apresentados são extensíveis a realidade dos sujeitos que se propuseram a participar da pesquisa, desde que guardada suas devidas identidades, e entendido que os sujeitos na qual se deu a aplicação do questionário é tida como uma população de amostragem. Também, torna-se pertinente lembrar que, por ser questionário via uso das redes sociais, os sujeitos são de regiões distintas do Brasil, isto é, cada percepção é reflexo de sua cultura; de sua localidade, de suas leituras e interpretações.

Representação Social sobre diversidade sexual e de gênero: vozes nas redes sociais

É pertinente e interessante apresentar de forma quantitativa, antes das considerações sobre as reflexões e concepções dos participantes, algumas características individuais de cada um. Em um percentual de 100%, 60% dos sujeitos participantes são do gênero masculino e 40% do gênero feminino. Em relação à idade, 20% dos sujeitos possuem faixa etária entre 26 e 32 anos e o restante, 80%, com faixa etária entre 20 e 25 anos. Já, sobre a formação dos sujeitos, percebeu-se que 60% possuem formação superior, em distintas áreas do conhecimento (Química, Ciências Biológicas, Pedagogia), enquanto que os 40% possuem Ensino Médio completo.

Uma das questões fechadas, levantadas aos sujeitos no questionário, referenciava-se as condições para a temática ser uma realidade nas salas de aula. Para tanto, proporcionou-se no questionários quatro categorias (*Desnecessário; Necessário, desde que independente de mim; Necessário, somente com os professores qualificados*



na área; e *Necessário, mas com o apoio de todos os professores*) para que pudessem, de alguma forma, auxiliar os sujeitos no momento de refletir sobre a questão. Avalie o gráfico I.

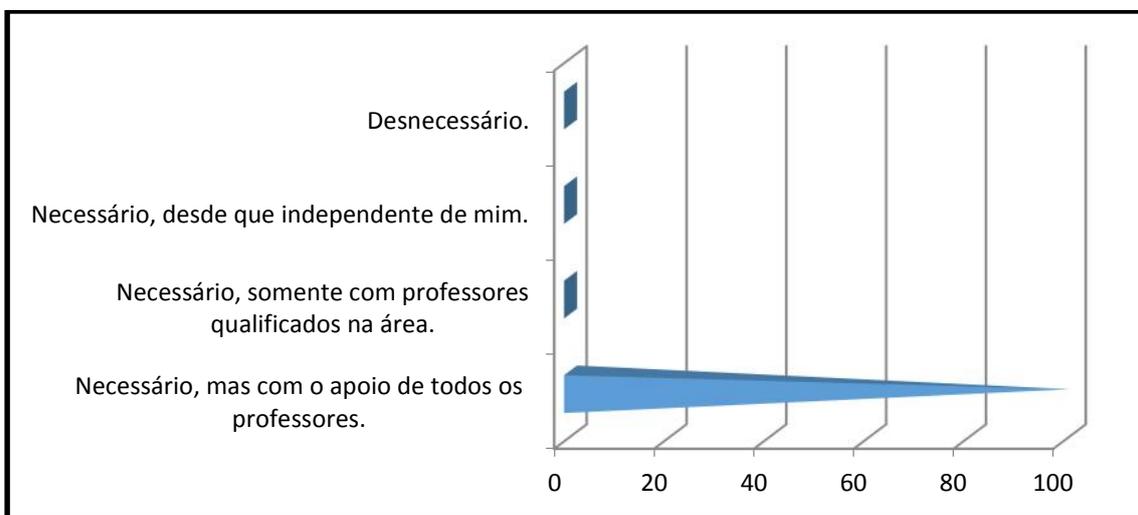


Gráfico I: Ação para a efetividade da Temática

Analisando o gráfico acima, percebe-se que dentre as categorias, a categoria *Necessário, mas com o apoio de todos os professores*, foi eleita, por unanimidade, como princípio de ação para a efetivação da temática ser trabalhada dentro da sala de aula. Ou seja, os sujeitos assumem a concepção de que para a temática se tornar uma realidade no ambiente escolar necessita-se do apoio de todos os professores, tornando-se reflexo educacional de que temas desta pertinência devem ser trabalhados no coletivo, levando em consideração a contextualização, o construtivismo e a qualificação dos diferentes sujeitos.

Outra questão fechada realizada aos sujeitos foi: *Em sua opinião, o que é prioritário para temas sobre diversidade sexual e de gênero se tornarem uma realidade efetiva na escola básica?* Para tanto, disponibilizou-se quatro opções para que os entrevistados escolhessem apenas uma. As opções foram: *Currículo Adaptado/flexível, Formação Docente, Políticas Públicas e Auxílio da Supervisão Escolar.*



Dentre estas, cada participante deveria elencar apenas uma como prioritária. Analise o gráfico II para entender qual, na visão dos sujeitos, é requisito básico para a Diversidade Sexual e de Gênero ser um trabalhado de forma ativa e crítica nas escolas.

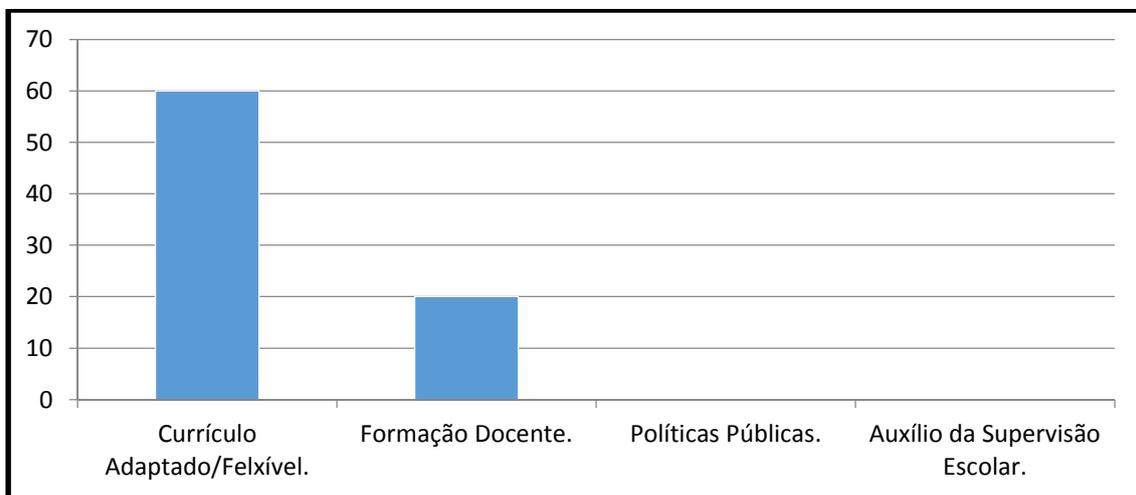


Gráfico II: Requisitos para trabalhar a Diversidade Sexual na escola

Os dados revelaram que *Currículo Adaptado/Flexível* e *Formação Docente* são prioridades máximas para serem trabalhadas questões de diversidade na escola, porém, questiona-se se, realmente, não haveria uma carência de leis educacionais voltadas para a questão? Ou será que o conjunto de leis não teria uma ação exequível para a realidade ora posta? Nesse sentido, acredita-se que, na verdade, para que a Diversidade Sexual e de Gênero ser dialogada no berço da sala de aula é necessário ter nítido o papel de escola, os objetivos da educação e um projeto de sociedade em consonância com os ideais de multiculturalismo, pois o paradigma de ser diferente é incompatível em uma sociedade elitista, excludente e segregadora.

Neste viés, percebe-se que o *Auxílio da Supervisão Escolar* é ponto chave e, quiçá, predominante para questões deste cunho serem realidades nas salas de aula não em uma visão exacerbada de predizer o que será feito ou como será feito, mas de forma a subsidiar o trabalho docente de forma íntegra, autônoma e reflexiva, a fim de elencar



argumentos que visam o construtivismo, o coleguismo e o respeito mútuo entre os diferentes seres.

Na teia da discussão, questionou-se os participantes de forma a demonstrarem seus conhecimentos, suas concepções e percepções sobre a temática, realizando-se uma questão aberta. *Levando em consideração de que a escola interfere diretamente na formação social e cultural do sujeito, por que temáticas sobre gênero e diversidade sexual devem ser trabalhadas na escola?* Abaixo, apresenta-se fragmentos empíricos dos requisitos que os sujeitos avaliam como mecanismos para se fazer presente a temática na escola.

[...]estamos inseridos em um contexto social, político, educacional e econômico onde se busca eliminar os preconceitos e diferenças sociais, culturais, étnicas e de cunho religioso existentes nessa sociedade tão diversificada. Por outro lado, tem-se a mídia e as novas tecnologias que cada vez mais problematizam essas questões culturais, assim como há políticas públicas que enfatizam questões da igualdade, cidadania, direitos humanos, as quais defendem, principalmente, direitos direcionados aos minoritários. Frente a isto, percebe-se que tem crescido os grupos de LGBTs, buscando espaço e respeito. Todas essas problematizações devem ser agrupadas na escola como espaço social, pedagógico e político, pois estão direcionadas a formação humana, social e cultural do sujeito. Tais questões devem começar a ser evidenciadas no ambiente escolar, de modo que quebre paradigmas e modelos sociais, mas, para isto, é necessário existir comprometimento da comunidade escolar e o compromisso pedagógico, social e político para/com a sociedade.

Para tornar mais ampla a tolerância de indivíduos que vivem em uma sociedade cada vez mais racista. Sociedade que busca unificar e expandir os ideais heterossexuais e suprimir todas as formas de expressão de gênero ou opção sexual.

Diante dos fatos, é compreensível averiguar que os sujeitos, em diferentes contextos, entendem a necessidade de inserir a temática como ação de ensinar e aprender na escola. Assim, é necessário comprometimento da sociedade, das políticas pública e, principalmente, da família, uma vez que temas relevantes deste viés são, de certa forma, difíceis de serem debatidos e contextualizados apenas pela escola, pois são avaliados como tabus, proibidos e desmerecedores de tempo pela sociedade.

Contudo, instigaram-se os sujeitos a deixarem, caso não tenha sido contemplado nas questões anteriores, comentários sobre Diversidade Sexual e de Gênero. Explicações do tipo: *“não há muito que comentar, somos todos iguais”*



(QUESTIONÁRIO, 2014), *“creio que esteja mais do que na hora das escolas terem as "mentes abertas", pois é um lugar de aprendizado e respeito entre todos, indiferente de classe social ou gênero sexual”* (idem, ibid), foram surgindo e tomando vida dentro do questionários.

Do mesmo modo, os sujeitos apontam que *“como vivemos em uma democracia, somos e estamos aptos a expressarmos nossas vontades e desejos, desta forma, as manifestações devem ocorrer para estimular, além de um bom convívio, um conhecimento de manifestação sobre diversidade sexual e gênero”* (idem, ibid). Neste meio, sabe-se que o tema é emergente e pertinente assim como muitos outros (diversidade étnica, por exemplo) em que, *“apenas políticas públicas não garantem sua inclusão no meio escolar, portanto, é preciso que a equipe docente trabalhe cooperativamente e colaborativamente para incluir o tema na escola básica”* (idem, ibid).

De fato, entende-se que os sujeitos da pesquisa compreendem e refletem, mesmo que por meio de um questionário virtual, o real significado e a grande importância de atrelar o tema Diversidade Sexual e de Gênero no ambiente escolar, seja por meio de trabalhado em textos, construções ou contos de histórias infantis ou mesa redonda para construção de diálogos. Sendo assim, acredita-se ser pertinente suprir as questões de diversidade nas escolas, pois, lentamente, se perceberá mudanças e avanços nesta área, a fim de efetivar ações/práticas pedagógicas inclusivas na teia da multidiversidade.

Reflexão Final

Apesar de o estudo ocorrer no viés das redes sociais, pois foi onde se disponibilizou o questionário para pessoas de diferentes culturas, nações e realidades, percebeu-se, como princípio de inovação e construção de novas identidades, a possibilidade de novas perspectivas para inserir a temática na realidade da educação básica.



Nesta linha, torna-se instigante pensar em desafios, práticas pedagógicas, saberes docentes e ações para configurar um ensino de qualidade e uma aprendizagem mútua onde os sujeitos possam, de forma íntegra e respeitosa, conviver e compartilhar seus tirocínios com o outro. Para tanto, torna-se necessário que o professor, além de adquirir competências e habilidades inovadoras, busque soluções criativas, evitando cair em práticas normalizadoras e preconceituosas.

Destarte, para que o tema em questão torne-se uma realidade nas escolas, é importante o auxílio e o trabalho conjunto da comunidade, isto é, para conseguir diminuir o caos de preconceitos e estereótipos que crescem dia após dia no meio social e educacional, é pertinente que a sociedade, como membro ímpar das mudanças que ocorrem na escola, procure se despir da identidade à qual se sujeita, abandonando a concepção e o princípio de que existe uma verdadeira identidade a ser seguida.

Desta forma, tem-se que é papel da escola adaptar essa temática nas sala de aula, construindo formas curriculares que possam convidar à produção de novos desenhos de subjetividade e estéticas da existência, desconstruindo, criativamente, as fronteiras e limitações sexuais e de gênero que, talvez, a própria escola acaba por construir. Assim, quiçá, em algum momento da história, a temática em questão consuma a seriedade na formação docente e se torne apenas mais uma questão no espaço da educação.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEDEIROS, C. B. de. *et al.* **Usando questionários virtuais em pesquisas quantitativas**. Bate Byte. 2000. Disponível em:

<http://www.batebyte.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=698>.

Acessado em 28 de set. 2014.

QUESTIONÁRIO. **Diversidade Sexual e de Gênero**. 2014. Disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/1KQWHXXQQzOGYjww56PZZhXe7AOr4i0Nbm92dGbHBzsc/viewform>.

SECAD. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola**: reconhecer diferenças e superar Preconceitos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília – DF, Maio de 2007.